



# A luta da comunidade Brasileira pela construção da Escola Monsenhor José Soares em Arapiraca nos anos 1990

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas em 2024. E-mail para contato: alexsandrasilva2506@gmail.com.

Alexsandra da Silva Santos<sup>1</sup> 

## INTRODUÇÃO

A Escola Monsenhor José Soares de Melo é um colégio de Ensino Fundamental que está localizado no bairro Brasileira, no município de Arapiraca. O nome Monsenhor José Soares foi dado em homenagem ao sacerdote que veio de Aracaju empenhado em construir a Catedral de Nossa Senhora do Bom Conselho.

A escola começou a ser construída no ano de 1989 graças aos esforços dos moradores desse bairro, que através de uma mobilização e por meio de mutirão ergueram a escola. A participação popular marca a história dessa escola, bem como os fatores que impulsionaram o povo para tal ação.

Apesar de ser um bairro próximo ao centro da cidade, o Brasileira sempre apresentou deficiência de recursos para atender às necessidades da população, incluindo educação, segurança pública e saneamento básico. A ausência desses recursos impactava diretamente as condições de vida da população.

O presente artigo busca compreender quais motivações levaram a população a construir uma escola no bairro, como se deu e como se caracterizou esse processo, considerando a população como protagonista e dando voz a essa história de luta e mobilização.

O percurso metodológico permitiu trazer nossas observações de forma estruturada e reflexiva, buscando explorar os agentes que foram determinantes para a reivindicação do direito à educação e a luta para assegurar sua cidadania. Dessa maneira, buscamos através de uma pesquisa de cunho qualitativo analisar a participação popular na construção da escola Monsenhor José Soares.

Para além disso, usamos entrevistas como forma de articular a memória e história oral como pontos-chave de compreensão e interpretação dos fatos. Compreendemos o depoimento oral como documentação, trazendo à tona a memória do povo e permitindo uma visão da história por baixo, a história dos que são esquecidos e silenciados no processo. Outrossim, analisamos autores que falam diretamente sobre a temática da memória, como Halbwachs (2008), e fizemos, além da análise bibliográfica, uma abordagem das fontes, com consulta ao álbum de fotos que conta a trajetória da construção da escola desde a escavação do alicerce até a escola totalmente finalizada.

Este trabalho está estruturado em duas partes, a primeira, que é contemplada pelo tópico dois, apresenta a contextualização histórica e os principais autores que usamos para embasar a pesquisa. Utilizando conceitos essenciais que norteiam esse trabalho, como os de movimentos sociais, mobilização social, cidadania, história local e história e memória.

Já a segunda parte, representada pelo tópico três, conta a história da escola e da luta da comunidade Brasileira. Ainda nesse tópico, temos três entrevistas realizadas com moradores do bairro, que relatam sobre como se deu a mobilização, permitindo compreender quais eram as memórias que eles possuíam sobre esse passado e nos surpreendendo com as lembranças vividas daquele momento, dos relatos e dessa rememoração da história. Além disso, utilizamos um álbum de fotos do processo de construção da escola, desde a escavação do alicerce (GAMA, 2020). Ressalta-se que o álbum foi utilizado nesta pesquisa mediante a autorização da escola. Por fim, damos enfoque à força comunitária e ao estado atual da escola. Vale lembrar que o bairro Brasileira foi uma área em desenvolvimento na década de 1990. Localizado na periferia da cidade, o bairro apresentava um perfil demográfico caracterizado principalmente por uma população de baixa renda. Naquela época, Arapiraca, como um todo, era uma cidade em crescimento, com uma economia predominantemente voltada para o setor agrícola e um aumento gradual na urbanização. O Brasileira refletia essas características, com uma infraestrutura ainda em fase de expansão e uma população em processo de estabelecimento e consolidação na área.

## **ANOS 1980 E 1990: A ECLOSÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL**

2 Usamos o termo “ditadura civil-militar”, pois acreditamos na importância de enfatizar a participação civil nesse processo ditatorial. Também vale ressaltar a visão do historiador brasileiro Boris Fausto, em sua obra “História do Brasil” (1995). Fausto ressalta que a ditadura militar no Brasil foi acompanhada por um controle rígido do aparato estatal, com a promulgação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968, que concedeu amplos poderes ao governo e restringiu as liberdades civis. No entanto, ele também destaca que os setores civis, incluindo empresários, políticos e meios de comunicação, colaboram ativamente com o regime autoritário, legitimando suas ações e reforçando sua base de apoio.

A repressão da Ditadura Civil militar<sup>2</sup> estava em todas as esferas da sociedade, principalmente no que se refere a possíveis organizações do povo por demandas sociais, políticas, culturais e econômicas; organizações vistas como subversivas. Na história, em todos momentos em que o povo foi reprimido, cerceado e silenciado, houve resistência, uma articulação que por vezes resulta na vitória do povo. Com isso, compreendemos que a insatisfação do povo gera mobilização, buscando a resolução de suas demandas.

Nas esferas política e social, conseguimos identificar no Brasil diversos movimentos que eclodiram no final do século XX, como: o Movimento Negro, que trouxe avanços em suas pautas de políticas públicas, como as cotas raciais; o movimento dos indígenas; dos profissionais da educação e da saúde; o Movimento Sindical, dos metalúrgicos, dos trabalhadores que insatisfeitos com suas condições de trabalho reivindicaram melhorias; os grupos de mulheres frente a uma atuação política e contra a discriminação de gênero; e o movimento gay que lutava contra o preconceito. Esses movimentos foram decisivos

para a conquista de novos direitos, os quais nos acompanham até os dias de hoje (PAOLI, 1995). Mas afinal, o que é um movimento social? Como podemos entender o movimento que ocorreu no bairro Brasileira, voltado para atender uma demanda social?

Segundo Gohn (2008, p. 335) são “[...] ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”, ou seja, para a autora, os movimentos sociais são ações coletivas que ultrapassam a simples denúncia, a insatisfação com a sonegação dos direitos faz com que a população se una para realizar uma pressão direta, e dentro do seio do movimento é que se encontrará vigor para combater a opressão.

Gohn (2008) explica as definições mais clássicas referentes ao movimento social. Afirma:

[...] possuem identidade, têm opositor e articulam ou fundamentam-se em um projeto de vida e de sociedade. Historicamente, observa-se que têm contribuído para organizar e conscientizar a sociedade; apresentam conjuntos de demandas via práticas de pressão/mobilização; têm certa continuidade e permanência. Não são só reativos, movidos apenas pelas necessidades (fome ou qualquer forma de opressão); podem surgir e desenvolver-se também a partir de uma reflexão sobre sua própria experiência [...] (GOHN, 2008 p. 336).

A definição mais clássica de movimento social apresentada por Gohn (2008) serve para compreender que o fenômeno que ocorreu no bairro Brasileira, por mais que tenha sido uma ação coletiva, não foi um movimento social propriamente dito. Ao observar os movimentos sociais do final do século XX, compreendemos que eles têm estrutura própria, têm continuidade, não se dissolvem e têm permanência. Por mais que a mobilização dos moradores tenha sido em comunidade, após a demanda ter sido atendida, eles não continuaram realizando reivindicações por melhores condições de vida, na mesma escala com que reivindicaram e fizeram a escola.

Apesar do movimento do bairro Brasileira não se enquadrar estritamente dentro dessa definição, ainda assim foi uma ação coletiva na qual a comunidade expressou suas demandas. De todo modo, as colocações de Gohn (2008) nos ajudaram a entender como as dinâmicas sociais levaram à mobilização dos moradores do bairro Brasileira para a construção da escola Monsenhor. Essa interpretação mais clássica dos movimentos sociais vai estar dentro das quatro grandes diferenciações colocadas por Gohn (2008): a de cunho marxista, a norte-americana, a latino-americana e a dos novos movimentos. Cada uma embasando-se em paradigmas diferentes, seja ele de cunho marxista mais ortodoxo ou sendo ele uma nova teoria dos movimentos sociais.

No decorrer do século XX, as análises sociais passaram por uma transformação. Antes, elas se concentravam principalmente em questões políticas e econômicas. No entanto, surge a importância de entender a realidade social. Isso implica em focar menos nas grandes estruturas e mais nas pequenas, que envolvem uma variedade de perspectivas. Esse novo enfoque direciona a atenção para as lutas sociais e demandas comuns, deixando um pouco de lado as preocupações puramente econômicas. As lutas de bairro, por melhores condições de moradias e de acesso ao ambiente educacional ocupam o espaço mais proeminente, pois as novas reivindicações não se encaixam no que é compreendido como movimentos mais clássicos, mas sim no que compreendemos como movimento de bairro e como mobilização social.

Na intenção de classificar a ação do bairro Brasileira, discorremos sobre os pensamentos supracitados e entendemos que dentre as compreensões acerca do movimento social e na perspectiva analítica de como procedeu a construção da escola Monsenhor José Soares, concluímos que os conceitos mais clássicos de Gohn (2008) sobre os movimentos sociais não se encaixam perfeitamente aos acontecimentos aqui analisados, pois com as novas demandas sociais, o caráter mais clássico do movimento abre espaço para novas formas de mobilizações. Desse modo, buscamos outro conceito que pudesse englobar essa ação popular e julgamos como mais pertinente o de mobilização social, segundo Gohn:

Na atualidade há muitas ações coletivas que não são movimentos sociais propriamente ditos, e várias das teorias contemporânea estão focalizando estas ações. Ou seja, a realidade se alterou, novíssimos sujeitos entraram em cena, novas formas de ação social coletiva emergiram – muitas vezes denominadas apenas “mobilização social [...]” (GOHN, 2008, p. 10).

Desse modo, a mobilização que ocorreu no bairro Brasileira pela construção da escola Monsenhor José Soares foi por uma demanda social de caráter efêmero, sem um opositor claro, mas com um objetivo específico. Por isso, compreendemos que o conceito que a autora nos traz é muito importante para conseguirmos delimitar e identificar a ação pela construção da escola.

Realizando uma análise mais minuciosa do motivo pela qual ocorreu essa mobilização, chegamos ao entendimento de que tal movimentação também pode ser considerada fonte de produção de saberes, tal como ocorre com os movimentos sociais propriamente ditos. Contudo, para analisar esses saberes, faz-se necessário a compreensão de como eles se configuram na prática e como se inserem nas relações políticas, culturais e econômicas do país, pois são de suma importância para entendermos seus processos.

Ademais, segundo Gohn (2008), a construção educativa vai além do ensino formal, ela está atrelada a toda construção que embasa os movimentos,

e, por esse motivo, a relação dos movimentos sociais e a Educação vai se dar de duas formas. A partir do contato com as instituições que promovem a educação e dentro dos próprios movimentos. Essa relação vai ser construída a partir do surgimento de novos protagonistas sociais já na década de 1980. A exemplo da necessidade dos moradores das periferias e dos polos suburbanos, sendo o resultado da articulação dos moradores para conseguir o direito à cidadania.

A mobilização social se deu pela busca de uma demanda por educação. O bairro Brasileira não tinha escola para a educação básica e as crianças do bairro precisavam atravessar a linha férrea para ir estudar em outro bairro, o que colocava em risco a vida dessas crianças e causava uma grande preocupação nos pais (SILVA; SANTOS; PEREIRA, 2022). Em busca de garantir sua cidadania, os moradores realizaram essa reivindicação. Sabemos que a cidadania é o direito do cidadão a participar ativamente da vida política do Estado e ter por ele seus direitos assegurados. Para Vieira (1998), a cidadania é composta por direitos civis e políticos, sendo eles divididos em direitos da primeira geração (civis e políticos) e da segunda geração (direitos sociais).

A segunda geração é a que consideramos mais adequada a nossa pesquisa. Com direitos conquistados no século XX, através das lutas sindicais e do operariado, que podem ser entendidos como “direitos ao trabalho, à saúde, educação, aposentadoria, seguro-desemprego, enfim, a garantia de acesso aos meios de vida e bem-estar social” (VIEIRA, 1998, p. 22). Para a efetivação de todos esses direitos se faz necessário a participação ativa do Estado, cuja ausência no bairro interditou os moradores ao direito à educação, sem fornecer ambiente necessário nem assegurar a entrada e permanência dos alunos no ensino básico; direito que já havia sido assegurado pela Constituição Federal em 1988 e compreendido pela a Lei de diretrizes e bases da educação nacional de 1996 no título dois artigo 2º, ao apontar a educação como um dever tanto da família quanto do Estado, visando promover a construção cidadã do indivíduo.

As promessas constitucionais e legais pareciam distantes da realidade vivida pelos moradores. A falta de participação ativa do Estado deixava marcas profundas na comunidade. Tanto para Gohn (2008), quanto para Vieira (1998), a manutenção e ampliação do conceito de cidadania estão intrínsecas à participação direta da população. Observa-se que a participação da população em questão nas lutas pela educação produziu uma linha de tensão entre população e Estado, mobilizando a esfera popular e lutando para a construção de seus direitos civis.

### **Por uma historiografia que se implica politicamente na vida cotidiana**

Quando realizamos uma análise crítica da historiografia tradicional, esta revela uma tendência predominante em enfatizar eventos e figuras nacionais

ou globais, negligenciando as experiências e nuances locais que desempenham um papel fundamental nas transformações sociais e políticas. Como apontado por Eric Hobsbawm (1998) em sua obra *Sobre História*, essa abordagem tradicional muitas vezes deixa de lado as vivências cotidianas das pessoas, favorecendo narrativas mais amplas.

Logo, se faz necessário compreender a história local da comunidade, tendo como principal fonte de entrelace com o seu passado o seu cotidiano, a sua cultura e seus artefatos. Acreditamos em uma historiografia que se implica politicamente a favor do registro e salvaguarda os processos daqueles que são apagados, silenciados e esquecidos nas grandes narrativas históricas, preservando sua identidade cultural e memória dessa comunidade.

Para além disso, conseguimos nos desvincular da história dos que são colocados como “grandes personagens históricos” para compreender a particularidade de uma comunidade. Embora essa construção seja formada por indivíduos, não se resume apenas a um que possa os representar, como afirma Heller (2008):

A história é a substância da sociedade. A sociedade não dispõe de nenhuma substância além do homem, pois os homens são portadores da objetividade social, cabendo-lhes exclusivamente a construção e a transmissão de cada estrutura social. Mas essa substância não pode ser o indivíduo humano, já que esse – embora a individualidade seja a totalidade de suas relações sociais – não pode jamais conter a infinitude extensiva das relações sociais (HELLER, 2008, p. 2).

Nesse contexto, a historiografia local surge como uma resposta necessária para preencher essas lacunas e se envolver de maneira mais profunda com a dimensão micropolítica das mudanças históricas em determinados territórios. Nesse viés, a história local e cotidiana desempenham um papel crucial na compreensão da vida da comunidade. Ao focar nas experiências das pessoas, ela permite uma escrita que emerge de um vazio, de uma lacuna que as grandes narrativas não deram conta de explicar, de um conjunto de modos de vida que rompem com a forma tradicional de fazer História.

No entanto, essa relação é complexa, uma vez que as relações sociais são muito mais extensas e profundas do que a compreensão de apenas um indivíduo. O papel político da história local é preservar a identidade e a memória das comunidades, ao mesmo tempo que oferece insights importantes para compreender as mudanças sociais e econômicas. Portanto, ao explorar a história local, abrimos uma porta para uma nova historiografia.

Para compreender o passado, contamos com a memória do povo, contamos com os mais variados resquícios contidos na mente daquela comunidade. Desse modo, precisamos entender que a memória pode ser moldada pela experiência individual e influenciada pela cultura, emoções e valores de cada

indivíduo e grupo do qual ele participa. A memória é fluida e pode ser seletiva, enfatizando alguns eventos em detrimento de outros. Ela também é passível de transformação ao longo do tempo, sob a influência de novas informações ou interpretações, vale ressaltar o pensamento de Halbwachs sobre a memória:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2004, p. 75-6).

Para ele, a memória é sempre uma construção do presente, ou seja, ela sempre vai se dar através de uma relação de rememoração, na qual o indivíduo ao relembrar seu passado expressa a memória intermediada pelas ações socioculturais da realidade social. Dentro de seu discurso a memória expressa um tempo que é falado com as palavras de seu tempo, a reconstrução do passado se faz no ato de fala do presente (HALBWACHS, 2004).

Ressalta-se que a História e a memória não são sinônimos. A História aposta na problematização. Já a memória, é construída a partir de outros interesses e passa por um processo de relação direta de repetição em rememoração, no qual a memória individual se apresenta claramente influenciada e reconstruída sobre os olhos da coletividade (HALBWACHS, 2004).

Para Halbwachs (2004), a memória é um processo de reconstrução e não deve ser considerada uma repetição linear dos acontecimentos, ou seja, a memória não se dá de maneira ordenada, ela é incerta. A memória é mediada e ordenada de acordo com os interesses do presente. Por outro lado, ela acaba se diferenciando dos acontecimentos localizados em um determinado tempo, tornando-se assim diferente do presente, pois ela adquire um caráter do passado.

A memória entraria em um campo de permissividade, ou seja, de uma seletividade que categoriza as narrativas, possíveis de serem ditas, e as não-ditas. A memória é guiada por um conjunto de sentimentos e emoções que criam a sensação de pertencimento de um grupo local, encaminhando para a formulação de um processo de identificação, baseado no reconhecimento enquanto parte daquela comunidade.

Ao silenciar um grupo, ou resguardá-lo no campo do esquecimento através das represálias a sua fala, gera-se os processos de resistência. Vale a pena lembrar que para todo discurso há um ato de resistência, ou seja, grupos que não se enquadram dentro dessa memória coletiva passam a reivindicar suas versões dentro da produção de saber-poder, criando assim um período de conflito, durante o qual estas memórias subterrâneas viriam à superfície por meio dessa movimentação social. Desse modo, consideramos muito importante trazer à tona a mobilização da comunidade Brasileira, que, por mais que

tenha sido um processo de grande transformação na vida daqueles moradores, foi caindo no esquecimento com o passar do tempo.

### **BRASILIANA: O POVO COM A MÃO NA MASSA**

O Bairro Brasileira, mesmo sendo próximo aos grandes polos comerciais da cidade, sempre carregou as deficiências sociais, de infraestrutura e de saneamento básico. Mas, apesar disso, houve a construção da escola graças ao engajamento do povo e sua mobilização para garantir seus direitos. A participação popular foi de suma importância. Destacamos aqui figuras como José Correia, conhecido como Cazuzza. Além dele, o Sr. José Firmino Filho (Zezinho), o qual era presidente da associação de moradores do bairro e representante da União das Associações de Moradores de Arapiraca. Além da participação popular, o envolvimento de pessoas com participação política teve sua parcela de contribuição, como o Dr. José Firmino de Oliveira e, o então Deputado, Albérico Cordeiro, que foram responsáveis por conseguir recursos com o Ministério da Educação e Cultura e com a Secretaria da Cultura e Educação para a construção da escola. Segundo Silva<sup>3</sup>, esses nomes foram de suma importância, apontando o Dr. José Firmino como um dos elos para conseguir os recursos da obra:

<sup>3</sup> Atual presidente da UNAMAR (União das Associações de Moradores do Agreste), fez parte da mobilização da comunidade e mora na comunidade desde 1978.

Conheço ele, juiz de direito, juiz aposentado, meu amigo [...] ele tinha uma ligação forte, ele tinha... Além de juiz ele também é radiologista, e ele tinha uma amizade muito forte com o Albérico Cordeiro e foi ele que fez o elo de ligação com a comunidade, através do saudoso Zezinho, Zezinho [...] que era o presidente na época e pra se fazer, a... construí a escola em regime de mutirão, então ele foi uma peça fundamental nos primeiros, primórdios da, da, da [...] Escola Monsenhor José Soares. (SILVA, 2023).

José Barbosa relata como a comunidade conseguiu o terreno e os recursos necessários para a construção da escola:

O saudoso Albérico Cordeiro, deputado federal, viu lá alguma coisa, mas [...] viu se conseguia o recurso na sua totalidade, então ele conseguiu o apoio para algumas coisas, o terreno foi doado e a gente começou fazer o trabalho de mutirão e assim foi feito, depois de feito, aí as reformas de lá pra cá, foram reformas custeadas com recurso público, pela prefeitura de Arapiraca. (SILVA, 2023).

Vale ressaltar a participação da associação de moradores que desempenhou um papel fundamental nesse empreendimento. É de conhecimento geral que o presidente da Associação de Moradores liderou essa mobilização, coordenando os esforços da comunidade para o planejamento e construção da escola. O próprio José Barbosa, que participou dessa mobilização, compartilha relatos sobre como ocorreu e quais foram as maiores motivações do povo:

Eu digo sempre o seguinte, quer saber quem é uma comunidade dê corda a ela, se você chegar lá.... Na comunidade o segredo..., se chegar com simplicidade no lugar com projeto, você vai lançar a proposta e assim foi, foi levada, foi falada a proposta. A questão do deslocamento, deslocamento das pessoas pra ir pra outra escola mais distante, já se falava também na questão de falta de segurança, então principalmente a mulherada apoiou e a mulherada apoiando o marido apoia. Então, foi feito lá, a mulherada, preparava lá uma feijoada e os homens, aqueles que eram pedreiro era pedreiro, quem não era pedreiro era servente e todo mundo colocou a mão na massa e foi uma rapidez muito grande, foi feito o ponta pé inicial para a, a escola Monsenhor José Soares. (SILVA, 2023).

Além disso, é importante mencionar que a construção da escola foi motivada por várias razões. Primeiramente, a ausência de uma escola no bairro colocava as crianças em risco, já que elas precisavam atravessar a linha férrea, onde passava o trem, para acessar a escola. Preocupados com a segurança de seus filhos, os moradores decidiram se unir e construir a escola. Essa foi uma das principais motivações por trás do projeto. Outro fator importante a considerar é que o bairro Brasileira sempre enfrentou desafios socioeconômicos significativos, e a criminalidade em crescimento, Ferreira<sup>4</sup> relata como era a condição do bairro:

4 Residente do bairro, acompanhou de perto a mobilização

O pessoal se juntaram e queria uma escola aqui, através do presidente do bairro que perguntou e também fez assim uma pesquisa como você, o que que a gente precisa mais no bairro se se uma escola, se um posto se um... uma igreja, essas coisas assim, a gente preferiu primeiro a escola. Aí então se juntaram o pessoal e fizeram a escola, levantaram a escola que funciona hoje aí muito bem, eu estudei nela e... e depois, depois disso foi, o bairro era muito atrasado, mas agora tá de cima. (FERREIRA, 2023).

A comunidade estava determinada a proporcionar uma educação melhor para seus filhos e netos, e essa motivação adicional levou à mobilização para construir a escola, como fora bem colocado por José Barbosa (2023): “Um povo sem Cultura é um povo sem vida, um povo sem educação não tem futuro pra nada”. A educação enquanto motor impulsionou uma comunidade inteira a colocar a mão na massa.

É relevante notar que a luta da comunidade foi motivada tanto por problemas internos, como a marginalização e a pobreza, quanto por desafios externos, como os perigos do deslocamento até a escola em um outro bairro. Segundo a moradora do bairro Maria Lúcia, a comunidade era bem atrasada e tinha pouca infraestrutura: “Só tinha as casa, umas casas, nem todas tinha, só tinham, só tinham, só tinham três, três ruas principais só. [...] Na verdade parecia uma favela quando eu cheguei aqui mesmo, mas agora tá um bairro de cima” (2023).

José Barbosa também nos conta sobre como era a comunidade quando ele chegou e antes da construção da escola, enfatizando a infraestrutura precária: “Quando eu cheguei lá tinha muitos curral... curral de fumo como o povo chamava, o plantio de fumo, então era, era, era poucas casas, não existia a quantidade de casas, a água lá era, era água de poço, água de cacimba, a gente tinha duas, tinha uma nascente lá baixo que dava, é... na perucaba” (SILVA, 2023).

Apesar de todas as dificuldades, encontramos no bairro Brasileira uma comunidade que buscou e encontrou na educação, na mobilização social, no movimento comunitário uma chance de conseguir uma vida com mais qualidade. Algumas imagens retratam os próprios moradores trabalhando na construção da escola, o que demonstra que eles não apenas buscaram a construção, mas também realizaram todo o trabalho necessário.

Através do álbum de fotos relembrando o percurso da construção da escola confeccionado pela diretora que passou pela escola nos anos de 1997, Jacinta de Fátima de Farias Gama, conseguimos verificar o empenho e a participação dos moradores. Na Figura 1, vemos a participação de crianças e os primeiros passos da construção, a escavação do alicerce.

**Figura 1 – Moradores cavando o alicerce da escola**



Fonte: GAMA, 2020.

O percurso não foi fácil, mas mesmo assim a comunidade não poupou esforços e colocou literalmente a mão na massa. Esse momento em que a escola estava sendo erguida foi um processo que ficou marcado na memória da dona Silva<sup>5</sup>, moradora do bairro e antiga aluna da escola:

Eu me lembro que quando eu cheguei aqui tava só no alicerce, o povo fazendo nera, ai chegava carro de, de, de, de como é... de tijolo, areia, um ajuda num canto, carregava pra dentro os tijolos [...] só sei que a metade do povo tudinho aqui ajudou, um carregava um tijolo, um carregava uma terra (SILVA, 2023).

<sup>5</sup> Residente do bairro, mora no bairro desde a época da construção

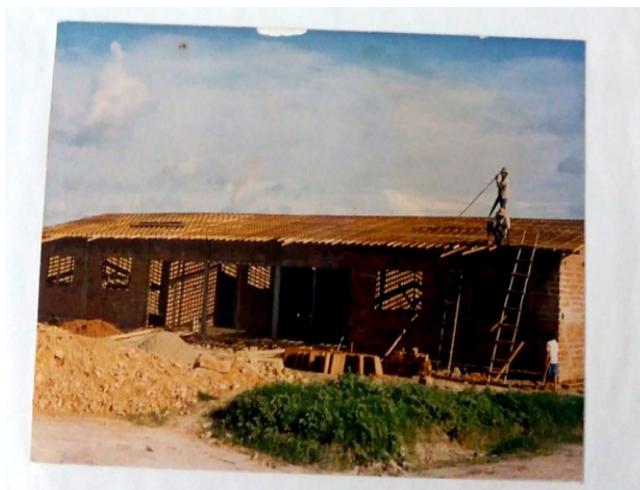
**Figura 2 – A participação de adolescentes.**



Fonte: GAMA, 2020.

Vale lembrar que esses homens e mulheres que participaram dessa construção, o fizeram há cerca de 34 anos atrás. Conseguimos observar a participação dos adolescentes, que hoje são possivelmente homens e mulheres adultos.

**Figura 3 – A escola foi erguida e começou a ser coberta**



Fonte: GAMA, 2020.

Segundo Dona Ferreira (2023), o fato de não ter escola foi o que movimentou a população a buscar uma: “Porque aqui não tinha escola nera, aqui não tinha escola, ai fizeram aquela ali”. A escola foi inaugurada em 2 de outubro de 1992, mas já funcionava desde 1990, contemplando duas turmas, dois banheiros, secretaria e cozinha. Tinha cerca de 17 funcionários, entre professores, diretores e coordenação, merendeira, porteiro e auxiliar de serviços gerais. No ano de 2000, a escola possuía 215 alunos do Ensino Fundamental e 43 do ensino EJA (Ensino de Jovens e Adultos), mas terminou com uma quantidade menor, demonstrando a evasão que ocorreu nesse período.

**Figura 4 – Escola erguida e com nome**



Fonte: GAMA, 2020.

A comunidade desempenhou outro papel bastante importante, o de nomear a diretora oficial Aliete Bispo do Carmo e sua adjunta Maria Salete Góis, o que demonstra a participação ativa da comunidade em todos os primeiros passos da escola construída por eles. Outro exemplo dessa participação ativa é a presença da comunidade em todas as festividades anuais propostas pela escola, como festejos juninos, comemorações de dia das mães e dia dos pais e na feira da pechincha, na qual toda renda arrecadada é voltada para a escola; assim segue até os dias atuais. Sempre que possível, a escola abre suas portas para a comunidade, convidando os pais, tutores e avós dos alunos para presenciar projetos e participar de festejos.

Atualmente, a escola conta com equipe de gestão bem estruturada e capacitada para desempenhar projetos e contribuir para o desenvolvimento da escola. Apesar de passar por diversos desafios, a escola é um grande polo de acolhimento para a comunidade, durante a pandemia do coronavírus, por exemplo, buscando não deixar os estudantes sem aula, a gestão, juntamente com os professores e Secretaria de Educação, organizou aulas de forma remota.

A comunidade do bairro Brasileira também passou por um período de grandes perdas materiais. Em 2022 toda a cidade de Arapiraca foi acometida por diversas chuvas, e, devido à falta de saneamento básico, algumas famílias da comunidade perderam seus móveis, roupas, alimentos e ficaram sem moradia. Algumas pessoas buscaram abrigo em casa de familiares, mas cerca de 4 famílias, incluindo crianças entre 1 e 12 anos, foram acolhidas pela escola e ficaram lá tendo apoio da equipe, de toda a comunidade e da cidade, que se solidarizaram e participaram de vários mutirões para arrecadar roupas, alimentos e produtos de higiene pessoal. Essas famílias ficaram na escola até serem realocadas pela prefeitura para novas casas.

A Escola Monsenhor José Soares está de pé, carregando consigo um profundo significado de luta, determinação, união e cidadania. É fundamental compreender que a jornada dessa comunidade foi árdua, e seus significados são únicos, enraizados em uma força coletiva e uma motivação inabalável. Não devemos romantizar essa luta, mas sim reconhecê-la como um exemplo de superação diante das adversidades.

A Escola desenvolve um papel de conscientização, com trabalhos e palestras voltadas para o meio ambiente, contra violência, sobre cidadania e questões sociais e étnicas.

### **Figura 5 – Palestra realizada pelo Agreste Saneamento**



Fonte: AGRESTE SANEAMENTO, 2022.

Este trabalho apresentou a força dessa comunidade, o senso de união e a busca por melhores condições de ensino para suas crianças. Além disso, vale ressaltar como o movimento que ocorreu no bairro nos ajuda a entender como a participação popular e a mobilização comunitária têm influência política e são agentes de transformações para nossa sociedade.

Quando damos voz e visibilidade a uma comunidade que anseia por melhores condições de vida, que luta por seus direitos e não se conforma com a realidade vivida, conseguimos observar as mais variadas mudanças, no caso do bairro Brasileira, a construção da escola Monsenhor. Uma comunidade que, mesmo em meio a tantas necessidades, priorizou a educação; fato que mais chamou a nossa atenção e despertou tanto anseio por conhecer mais sobre a história da comunidade do Brasileira.

Vale ressaltar a importância dessa visibilidade, uma ação cheia de significados e de luta não pode estar apenas nas memórias de quem participou. Ela precisa ser contada, ser repassada para as próximas gerações, na esperança

de conseguir fazer coisas maiores, com todo empenho e participação popular a fim de assegurar sua cidadania.

## **CONCLUSÃO**

Nesta pesquisa, podemos refletir como o processo de luta da comunidade do bairro Brasileira pela construção da escola Monsenhor José Soares ocorreu devido à condição de precariedade em que o bairro se encontrava na década de 1980/90.

A demanda por educação, mais especificamente, por uma escola no bairro, influenciou toda a comunidade a participar ativamente dessa mobilização social e comunitária. Quando paramos para analisar os discursos dos depoimentos orais, conseguimos identificar alguns elementos que se interligam, e uma memória que se encontra, a de que toda a população não mediu esforços até alcançar seu objetivo.

Além disso, quando analisamos as imagens do álbum de fotos, conseguimos realizar diversas leituras da população e das condições de infraestrutura da comunidade do Brasileira. Os objetivos estabelecidos no início deste estudo foram alcançados, como evidenciado por nossas colocações acerca dos fatores que contribuíram para a mobilização e de como foi realizado todo o processo. Esse esforço coletivo não apenas resultou na construção de uma escola, mas também estabeleceu um marco na luta pela educação e pelo desenvolvimento comunitário. A história da Escola Monsenhor José Soares ilustra como a participação popular e a mobilização social são poderosas ferramentas para promover mudanças significativas. Reconhecer e compartilhar essa experiência é essencial para valorizar o papel da comunidade na construção de um futuro melhor e inspirar novas gerações a continuar buscando melhorias em suas próprias realidades.

Este estudo tem por objetivo contribuir, mesmo que de forma singela, para a escrita de outros trabalhos acerca da comunidade, oferecendo insights valiosos sobre a mobilização social e comunitária. É importante reconhecer as limitações deste estudo, como o fato de não existirem trabalhos sobre o tema abordado. Ainda assim, pudemos trazer uma contribuição única ao abordar a História Local, a mobilização social e a memória de toda uma comunidade.

## **REFERÊNCIAS**

- AGRESTE SANEAMENTO realiza palestra sobre consumo consciente em Arapiraca. *Jornal de Alagoas*, Alagoas, 2023.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em Dezembro de 2023:
- FAUSTO, Boris. História do Brasil. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- FERREIRA, Maria Lúcia Francisca. A construção da escola Monsenhor. [Entrevista concedida a] Alexsandra da Silva Santos. Arapiraca, 2023. GAMA, Jacinta de Fátima de Farias. Álbum de fotos. 2020.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. Novas teorias dos movimentos sociais. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.
- HELLER Agnes. O Cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HOBSBAWM, Eric. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PAOLI, Maria Célia. Movimentos sociais no Brasil: Em busca de um estatuto político. In: HELLMANN, Michaela (org.). Movimentos Sociais e Democracia no Brasil. São Paulo: Marco Zero, 1995. p. 24-55.
- SILVA, Alexsandra da; SANTOS, Wheber Mendes; PEREIRA, Gladyson Stélio Brito. “Ah, a escola do Brasileira? Ir lá para tomar um tiro?”: Impasses entre discurso, representação e precarização da escola Monsenhor José Soares de Melo, em Arapiraca. In: ACIOLI, Adenize et al (org.). Formação Docente: Pilar da educação para o desenvolvimento da sociedade a partir dos programas de PIBID e PRP em suas diferentes linguagens. Paraná: Atena, 2022. p. 171-178.
- SILVA, Maria Dilma Alves da. A construção da escola Monsenhor. [Entrevista concedida a] Alexsandra da Silva Santos. Arapiraca, 2023.
- SILVA, José Barbosa da. A construção da escola Monsenhor. [Entrevista concedida a] Alexsandra da Silva Santos. Arapiraca, 2023.
- VIEIRA, Liszt. Cidadania e globalização. 2. ed. Rio de Janeiro: Record. 1998

---

## **A luta da comunidade Brasileira pela construção da Escola Monsenhor José Soares em Arapiraca nos anos 1990**

### **Resumo**

O bairro Brasileira se localiza em Arapiraca (AL), próximo ao centro da cidade. Ao longo de sua história, sempre apresentou limitações socioeconômicas. A ausência de uma escola levou a comunidade a se mobilizar para conseguir construir uma no bairro, no final dos anos 80 e início dos anos 90. Esta pesquisa visa compreender como se deu essa mobilização e quais os fatores que contribuíram para a movimentação dos residentes. Para isso, usamos como metodologia o depoimento oral para possibilitar uma melhor análise, buscando nos resquícios da memória, nas lembranças e nas falas de alguns residentes a história dessa luta. Com esse trabalho almejamos trazer à tona a história do povo comum, que em meio as dificuldades foram em busca de melhores condições de vida e de educação para seus filhos e netos. Vale ressaltar que a presente pesquisa contribui para dar visibilidade à comunidade do bairro Brasileira, ao ser uma das primeiras a abordar este tema, mesmo que de forma singela, considerando a comunidade como agente primordial na execução da construção da escola Monsenhor José Soares, compreendendo melhor como se deu essa mobilização e dando voz a comunidade. É essencial destacar as restrições deste estudo, principalmente a ausência de pesquisas anteriores sobre o tema. A falta de literatura específica sobre a construção de uma escola no bairro, realizada por uma comunidade em busca de melhores condições, representa uma limitação. No entanto, essa mesma ausência de estudos prévios nos proporcionou uma contribuição original ao explorar a História Local, a mobilização social e a memória coletiva da comunidade.

**Palavras-chave:** Mobilização. História local. Comunidade.

---

## **The Brazilian community's struggle for the construction of Monsignor José Soares School in Arapiraca during the 1990s**

### **Abstract**

Brasileira neighborhood is located in Arapiraca, AL, near the city center. Throughout its history, it has always faced socioeconomic limitations. The absence of a school led the community to mobilize to build one in the neighborhood in the late 1980s and early 1990s. This research aims to understand how this mobilization took place and what factors contributed to the movement of the residents. To achieve this, we used oral testimony as a methodology to enable a better analysis, seeking in the remnants of memory,

in the recollections and speeches of some residents, the history of this struggle. With this work, we aim to bring to light the history of ordinary people who, amid hardships, sought better living conditions and education for their children and grandchildren. It is worth mentioning that this research contributes to giving visibility to the Brasiliana neighborhood community, as it is one of the first to address this topic, even in a modest way, considering the community as the primary agent in the execution of the construction of the Monsignor José Soares School, better understanding how this mobilization occurred and giving voice to the community. It is essential to highlight the limitations of this study, especially the absence of previous research on the subject. The lack of specific literature on the construction of a school in the neighborhood, carried out by a community in search of better conditions, represents a limitation. However, this same absence of prior studies has provided us with an original contribution by exploring Local History, social mobilization, and the collective memory of the community.

**Keywords:** Mobilization. Local history. Community.

---

**Recebido em:** 18 de março de 2024  
**Aprovado em:** 03 de agosto de 2024

---